

# Quero um futuro melhor: trajetórias de jovens do Ensino Médio

Giselle Carino Lage

Professora de Sociologia do IFRJ e Doutora em Antropologia Cultural pela UFRJ.

Ana Pires do Prado

Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

## Resumo

Nesse artigo apresentamos parte dos resultados de uma pesquisa realizada entre 2012 e 2016, que teve como proposta mapear e analisar as trajetórias escolares de jovens estudantes de ensino médio de uma escola pública carioca. Realizamos observação participante e entrevistas em profundidade com 22 jovens a fim de traçar os seus perfis sociológicos, os seus percursos escolares e as suas aspirações em relação ao futuro. Considerando o contexto em que estão inseridos, questionamos: será que apostam na escola como estratégia para uma vida melhor, para “serem alguém”? Por que alguns permanecem estudando e outros se evadem da escola? Nosso argumento é que os alunos pesquisados acreditam na escola como estratégia de mobilidade social por almejam melhorar de vida, em termos econômicos e sociais.

**Palavras-chave:** Trajetórias; ensino médio; etnografia.

## Abstract

*I want a better future: trajectories of young high school students*

In this paper we present part of the results of a survey conducted between 2012 and 2016, whose purpose was to map and analyze the school trajectories of young high school students of a public school in Rio de Janeiro. We conducted participant observation and in-depth interviews with 22 young people in order to outline their sociological profiles, their school paths and their aspirations for the future. Considering the context in which they are inserted, we question: do they bet on school as a strategy for a better life, to “be someone”? Why do some stay in school and others drop out of school? Our argument is that the students surveyed believe in school as a strategy of social mobility for aiming to improve their lives in economic and social terms.

**Keywords:** Trajectories; high school education; ethnography.

## Resumen

*Quiero un futuro mejor: trayectorias de jóvenes de la enseñanza medio*

En este artículo presentamos parte de los resultados de una encuesta realizada entre 2012 y 2016, que tuvo como propuesta mapear y analizar las trayectorias escolares de jóvenes estudiantes de enseñanza media de una escuela pública carioca. Realizamos observación participante y entrevistas en profundidad con 22 jóvenes para trazar sus perfiles sociológicos, sus itinerarios escolares y sus aspiraciones en relación al futuro. En vista del contexto en que están insertos, cuestionamos: ¿apostamos en la escuela como estrategia para una vida mejor, para “ser alguien”? ¿Por qué algunos permanecen estudiando y otros se evaden de la escuela? Nuestro argumento es que los alumnos encuestados creen en la escuela como estrategia de movilidad social por anhelar mejorar de vida, en términos económicos y sociales.

**Palabras clave:** Trayectorias; enseñanza media; etnografía.

## Introdução

O Ensino Médio tem sido foco de debates na última década no Brasil. Ao mesmo tempo em que temos a ampliação das matrículas nos últimos 20 anos, alcançando 9,1 milhões de estudantes em 2004, já se observa a redução e estagnação do número de alunos nessa modalidade de ensino. No entanto, o crescimento das matrículas não significa que essa etapa esteja universalizada. Dados do Censo Escolar de 2011 revelam que, dos 10,3 milhões de jovens entre 15 e 17 anos, 1,5 milhão não frequenta a escola e 51,6% estavam no Ensino Médio (SPOSITO; SOUZA, 2014). Há uma quantidade significativa de jovens que não chegam ao Ensino Médio.

Além da questão do acesso, o Ensino Médio tem sido objeto de reflexão por ser um funil da educação básica. A reprovação nesse nível de ensino é alta e, segundo Schwartzman, “no ensino médio, a taxa de reprovação do Rio de Janeiro, de 33,3% – um em cada três alunos – é uma das piores do Brasil, comparando com 16,3% para o Paraná, 18,3% para São Paulo e 21,6% para Minas Gerais” (SCHWARTZMAN, 2011, p. 5). A reprovação constante dos estudantes, seguida de abandono e evasão, faz com que a pedagogia da repetência ainda seja uma prática pedagógica em nosso país (RIBEIRO, 1991).

Para compreender a realidade multifacetada vivenciada pelos jovens estudantes do Ensino Médio, há diversas reflexões sobre quem eles são, o que pensam sobre a escola, seus saberes e seus projetos de futuro (ABRAMO, BRANCO, 2005; CHARLOT, REIS, 2014; DAYRELL; REIS, 2011a, 2011b; LEÃO; REIS, 2012). A ampliação do acesso fez com que houvesse a necessidade de compreensão do perfil, das trajetórias e dos projetos de futuro desses estudantes e de que maneira a escola se insere nesses projetos.

Ainda relacionado aos jovens estudantes, há reflexões sobre o que faz com que um aluno permaneça na escola e conclua seus estudos, mesmo com reprovações e interrupções. Também se faz a pergunta contrária: o que faz com que os jovens abandonem a escola sem terminar os estudos do Ensino Médio? Inserem-se no mercado de trabalho e saem da escola ou conciliam escola-trabalho? Há uma tendência a relacionar o abandono das escolas pela entrada no mercado de trabalho (DAYRELL, 2007; KRAWCZYK, 2011).

No entanto, para Sposito e Souza (2014) as relações entre juventude, escola e trabalho precisam ser mais pesquisadas e, possivelmente, reformuladas. As autoras trabalham com a hipótese de que os alunos de Ensino Médio são cada vez mais jovens e que buscam o trabalho para seus bens de consumo mais imediatos, e quando o fazem, não abandonam, necessariamente, a escola. Ou quando a abandonam, retornam após algum tempo.

Analisando a categoria “nem nem” no Brasil, Cardoso (2013) também ressalta que os estudantes do Ensino Médio do país estão na faixa entre 15 e 18 anos, e que parece ser mais sensato falar em “taxa nem nem de exclusão” para a faixa etária entre 18 e 25 anos. Isso porque somente aos 18 anos a maioria dos jovens já deixou ou está em vias de deixar o Ensino Médio. Ainda assim, é necessário analisar a condição “nem nem” como fruto tanto de escolhas e trajetórias individuais quanto de contextos nos quais os jovens tomam suas decisões.

Este trabalho se relaciona a esse debate na medida em que tem como objetivo apresentar parte dos resultados de uma pesquisa<sup>1</sup> que teve como proposta central mapear e analisar as trajetórias escolares de jovens estudantes de Ensino Médio de uma escola pública carioca e as redes em que estão inseridos e que influenciam sua carreira estudantil. Além disso, buscamos compreender os sentidos que os jovens dão à escola, à educação, à família e às suas perspectivas de futuro.

Neste artigo apresentaremos as seguintes questões: quais são os percursos escolares desses jovens? Quais são seus sonhos e ambições? Será que ainda apostam na escola como estratégia para uma vida melhor, “para serem alguém”, tal como muitos estudantes dizem? Por que alguns permanecem estudando e outros se evadem da escola? Inserem-se no mercado de trabalho e saem da escola ou conciliam escola-trabalho? Como a escola contribui para delinear os caminhos traçados?

Nosso argumento é que os alunos pesquisados, mesmo com trajetórias escolares marcadas por reprovações ou intermitentes, acreditam na escola como estratégia de mobilidade social por almejarem melhorar de vida, em termos econômicos e sociais. Além disso, os alunos pesquisados têm uma lógica específica em relação ao debate juventude e trabalho. Encontramos jovens que percebem a escolarização – o Ensino Médio – como mais importante do que o trabalho. Há também vários casos de estudantes que se matriculam na escola, permanecem alguns meses, saem da escola, começam a trabalhar e no período ou ano seguinte retornam à escola. Denominamos os jovens nestas situações sociais de *ioiô*.

---

1 Os dados e as análises apresentados são frutos do Doutorado em Antropologia Cultural realizado por Lage (2016), e estão inseridos na pesquisa “Ethos escolar e trajetórias estudantis no ensino médio do Rio de Janeiro: causas e consequências do abandono das salas de aula”, coordenada por Yvonne Maggie (IFCS/UFRJ) e Ana Pires do Prado (FE/UFRJ) do NAEscola (Núcleo de Antropologia na Escola - IFCS/FE/UFRJ).

## A pesquisa

Acompanhamos jovens estudantes de uma escola pública de Ensino Médio da cidade do Rio de Janeiro entre os anos 2012 e 2016. Esta escola estadual oferece o Ensino Médio regular, o Ensino Médio inovador e a educação de jovens e adultos a 1200 alunos nos três turnos<sup>2</sup>. A escola está localizada na entrada de uma favela na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

Utilizando a metodologia clássica da antropologia, a observação participante, mapeamos a cultura de gestão dessa instituição, ou seja, os princípios inconscientes que organizam a vida escolar e dão sentido às práticas e crenças dos atores sociais criando uma lógica que lhes é própria (MAGGIE; PRADO, 2014). Participamos de todas as atividades da escola dentro e fora de sala de aula. Desta forma conseguimos contato com os jovens, acompanhamos suas práticas escolares cotidianas e apreendemos suas visões sobre a escola.

Em 2013, decidimos acompanhar duas turmas de primeiro ano do Ensino Médio inovador. O objetivo foi analisar as trajetórias dos estudantes que abandonavam o curso sem sua conclusão e aqueles que insistiam em permanecer na escola e continuavam os estudos apesar das inúmeras reprovações. Também acompanhamos aqueles que saíam da escola e retornavam no período ou no ano seguinte, prosseguindo num movimento pendular de idas e vindas, que denominamos de *ioiô*. Para poder obter algum nível de comparabilidade, buscamos também traçar as trajetórias de um grupo de controle que percorre sua vida escolar sem reprovação e na idade certa.

As duas turmas observadas ao longo de 2013 totalizavam 78 estudantes entre 15 e 19 anos. Uma das turmas concentrava alunos com mais de uma reprovação ao longo da trajetória escolar e idade entre 17 e 19 anos e a outra tinha alunos sem reprovação ou

---

<sup>2</sup> O ensino médio regular tem 12 disciplinas curriculares divididas em 5 horas e 20 minutos diárias. A escola pesquisada entrou no Programa Ensino Médio Inovador (PROEMI) em 2013. Além das disciplinas curriculares, o PROEMI oferece aulas de determinados projetos. No caso da escola em questão, há letramento de Língua Portuguesa e Matemática, Mídia e Projeto de Vida. Os alunos têm aulas em horário estendido, das 7h da manhã às 14h40 da tarde. O Programa Nova Educação de Jovens e Adultos de Ensino Médio (NEJA) foi reformulado em 2013 pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. O programa é pensado para alunos com idade acima de 18 anos para que eles concluam os estudos em menos tempo. O curso dura dois anos e é dividido em quatro módulos. Em todos os módulos há Língua Portuguesa e Matemática, sendo dois módulos com disciplinas com ênfase em Ciências Humanas e outros dois com ênfase em Ciências da Natureza. No segundo semestre de 2013, a NEJA passou a ser oferecida no turno matutino, além do tradicional turno noturno.

com apenas uma reprovação e que completavam ou já tinham 16 anos em 2013.

Dos 42 matriculados na turma A em 2013, apenas 5 chegaram ao 3º ano na escola pesquisada em 2015, sendo 3 no turno matutino e 2 no turno noturno. O acompanhamento dos alunos desta turma fez com que notássemos um movimento intenso de transferência para outras escolas e de entrada e saída das mesmas. Até o final de 2015 apenas 7 estudantes concluíram o Ensino Médio, sendo 5 na escola pesquisada e 2 em outras escolas.

Dos 35 matriculados na turma B em 2013, apenas 5 chegaram ao 3º ano no turno matutino em 2015, 4 estavam no 2º ano, 1 estava no 1º ano regular matutino, 1 estava no 1º ano regular noturno e 1 estava no 1º módulo do Programa Nova Educação de Jovens e Adultos de Ensino Médio (NEJA). Ao final de 2015, 5 estudantes concluíram o Ensino Médio na escola pesquisada e 8 em outras escolas.

Além desses estudantes, a observação participante e o contato constante com os alunos que permaneciam na escola levaram-nos a outros jovens que não estavam nas duas turmas selecionadas para observação, mas que se encaixavam no perfil que nos interessava.

## **Quem são os jovens pesquisados?**

Ao longo da pesquisa, entrevistamos 22 jovens estudantes do Ensino Médio tendo em vista o mapeamento dos alunos nas turmas pesquisadas, feito a partir dos seguintes critérios: os que não tinham reprovação e nem defasagem idade-série; os que tinham múltiplas reprovações; os que abandonavam a escola; os que saíam e retomavam os estudos; os que se transferiram para outras escolas.

Os entrevistados tinham entre 16 e 26 anos de idade. São típicos brasileiros, de todas as cores. Autodeclararam-se brancos, pardos e negros. Quanto à religião, oito afirmaram não tê-la, embora alguns tenham frisado sua crença em Deus e “no ato de fazer o bem”. Seis alunos se declararam evangélicos, dois são cristãos, quatro são católicos, e um é espírita.

Eles residem, em sua maioria, em favelas<sup>3</sup> situadas na região da Grande Tijuca, onde se localiza a escola pesquisada. 7 dos 22 entrevistados moram em outros bair-

---

3 Para aprofundamento da discussão sobre a relação escola-favela ver Randolpho e Burgos (2009).

ros, como Higienópolis, Recreio e Méier. Todos residem com familiares que mantêm o sustento da casa. Cinco famílias são assistidas por programas sociais, como Bolsa Família, e outras três já foram assistidas.

As mães trabalham como empregadas domésticas, diaristas e no setor de serviços, como vendedoras e microempresárias. Nem todas as mães estavam inseridas no mercado de trabalho. Uma mãe era aposentada e outra estava internada em uma clínica de reabilitação para dependentes químicos.

13 mães têm o Ensino Fundamental, sendo 11 incompletos e 2 completos. 7 mães cursaram o Ensino Médio, 1 cursou o Ensino Superior, e de uma delas não conseguimos essa informação. A escolaridade dos pais é semelhante a das mães. Os pais atuam no setor de serviços, como pedreiros, seguranças, pintores, eletricitas, zeladores, montadores de móveis e marceneiros.

Entre aqueles cujos pais já têm Ensino Médio, o desejo é estudar mais do que eles. A maior parte dos entrevistados cursou o Ensino Fundamental em escolas públicas da rede municipal, próximas à região de sua moradia (19 alunos). Três alunos tiveram experiência na rede particular de ensino.

A trajetória escolar dos jovens pesquisados não apresenta surpresas em relação à repetência. Costa Ribeiro (1991) sinalizou a existência, no sistema educacional brasileiro, de uma pedagogia da repetência, que é “parte integral da pedagogia, aceita por todos os agentes do processo de forma natural”. Os dados recentes para o Ensino Médio no Brasil e, principalmente, no Rio de Janeiro, reforçam essa ideia (SCHWARTZMAN; 2011; SPOSITO; SOUZA, 2014).

Dos 22 entrevistados, 6 nunca repetiram. Há 16 estudantes que possuem 1, 2, 3 e até 6 reprovações ao longo de sua trajetória escolar. Dos 22 alunos, 10 interromperam seus estudos em algum momento, sendo que 8 retornaram à escola e 2 não retomaram os estudos.

Além das inúmeras reprovações, chama a atenção o número de estudantes ioiôs, ou seja, aqueles que interromperam os estudos em algum momento da sua trajetória escolar e depois retornaram ao colégio no período ou no ano seguinte, prosseguindo em um movimento pendular de idas e vindas.

## Alunos ioiô

Os ioiôs são estudantes que se matriculam na escola, permanecem alguns meses, saem da escola, começam a trabalhar e no período ou ano seguinte retornam à escola. Entre os 22 alunos que acompanhamos, 7 são ioiôs.

Marlon<sup>4</sup> é um deles. Ele iniciou o Ensino Médio regular na escola pesquisada em 2012 quando tinha 17 anos. Começou o ano estudando e no meio do ano parou de estudar “porque estava com preguiça”.

Em 2013, ele retornou para a escola e foi matriculado na turma A. Ele, como muitos de seus colegas que já estudavam no colégio, foram surpreendidos com a notícia de que teriam aulas das 7h da manhã até às 14h40 da tarde. Marlon não apresentou elevadas expectativas em relação ao Ensino Médio inovador. Disse, objetivamente, que “não esperava nada”.

No conselho de classe realizado no segundo bimestre de 2013, Marlon era um dos poucos alunos que frequentava a-s aulas com regularidade. Mas, da mesma forma que ocorreu em 2012, Marlon deixou de estudar no meio do ano. Ele retornou à escola em julho de 2014 e passou a frequentar uma turma matutina de NEJA. Se em 2013 criticou a NEJA, pois só tinha “os alunos ruins, fora da média”, “só os que fazem bagunça”, em 2014 elogiou o programa: “Está maravilhoso. As matérias são fáceis, menos matemática”.

Marlon interrompeu os estudos para trabalhar. No entanto, o seu desejo de concluir o Ensino Médio fez com que ele retomasse os estudos. Assim como Marlon encontramos outros alunos ioiôs.

Há casos de estudantes ioiôs que não saem da escola de Ensino Médio necessariamente para trabalhar. Em determinadas ocasiões, o clima escolar desfavorável marcado por constantes brigas e conflitos entre colegas ou desentendimentos entre alunos e gestores provocam relações permeadas por processos de idas e vindas à escola, turbulências e conflitos, com poucos personagens apaziguadores.

Israel se encaixa neste caso. Ele deixou de frequentar a escola pela primeira vez por decisão própria ainda no Ensino Fundamental. Ele se recorda de brigas constantes com colegas que não o respeitavam. Quando estava no 1º ano do Ensino Médio, Israel se envolveu em discussões e brigas que não foram facilmente solucionadas. Ele

---

4 Todos os nomes são fictícios.

sentia como se estivesse sendo perseguido. Um dos casos de que se recorda envolveu um colega, que estava sentado atrás dele na sala de aula e que jogou uma bolinha em suas costas. Segundo o jovem, nem o professor de matemática, que assistiu a toda a confusão instaurada, nem a diretora-geral Mariah, que foi procurada na hora do recreio, fizeram algo para apaziguar o conflito.

Quando se afastou da escola, Israel começou a se dedicar ao computador e a se exercitar fisicamente em casa. Em 2015, Israel retornou, pela segunda vez, para o colégio pesquisado. Desta vez, ele foi matriculado no 1º módulo noturno da NEJA. Durante o dia, dividia seu tempo entre o treinamento físico para participar de competições de fisiculturismo e o seu primeiro emprego, como vendedor e promotor de uma loja de suplementos alimentares. Era considerado “faltoso” pelos professores e novamente deixou de frequentar o colégio. Em meados do ano, ele conseguiu uma vaga em outra escola, situada na zona sul, no bairro onde sua mãe trabalha. Apesar da relação instável com a escola, Israel enfatizava seu desejo de “ser bem sucedido, ter dinheiro e conhecimento” para seguir sua vida e alcançar seu objetivo de se tornar *player*.

Como se pode observar, há diversas motivações para os jovens estudantes interromperem os estudos, mesmo que provisoriamente. Fatores internos à escola são relevantes nas decisões tomadas pelos jovens, sobretudo se considerarmos que todos os alunos ioiôs pesquisados repetiram alguma série.

Em muitos casos, os alunos internalizam a percepção de que não têm bom rendimento e se culpabilizam pelo seu fracasso escolar, influenciados por percepções pessoais, relacionadas à falta de esforço e ao desinteresse, e pelos discursos de seus professores que reforçam as impressões negativas a respeito do desempenho dos alunos.

Os estudantes atribuem um peso importante às ações individuais perante a escola e o ensino, o que fica explícito com a consideração de Hosana: “Quem faz a escola é o aluno. Se eu chegar aqui pensando que vou estudar, eu consigo. Se chegar aqui não querendo nada, os professores também não vão fazer nada. Quando a pessoa quer, consegue vencer isso”.

Alguns alunos ioiôs assumem que “não gostam de estudar”, ou ainda, consideram a escola pouco atrativa por suas práticas pedagógicas tradicionais. Kaique, por exemplo, explicou: “Estudar é muito chato, entediante. A escola é boa, mas estudar que é ruim”.

Além disso, os jovens podem se deparar com razões externas à escola, que podem provocar a interrupção nos estudos. São exemplos: as questões familiares, relacionadas à gravidez na adolescência, e também o trabalho, em geral, de baixa qualificação no setor terciário, tanto para prover o consumo pessoal como para ajudar no sustento da família.

Todos esses elementos, internos e externos à escola, estão entrelaçados em uma complexa trama de relações sociais e podem impactar nas decisões assumidas pelos jovens ioiôs.

## Relação Escola – Trabalho

As relações estabelecidas entre a escola e o trabalho não são necessariamente excludentes. Na pesquisa realizada, dos 22 alunos entrevistados, 11 trabalham ou já trabalharam em algum momento de sua trajetória escolar. Todos eles começaram a trabalhar ao longo do Ensino Médio. O interessante foi encontrar as motivações para a sua entrada no mercado de trabalho.

Os jovens estudantes revelaram que estudavam e trabalhavam, em meio período, para custear seus próprios gastos com bens de consumo, tais como roupas, *smartphones* e o lazer nos finais de semana. Nos momentos de descontração, eles gostavam de sair com os amigos para conversar, além de ir ao cinema, ao parque, ao shopping e ao baile. A percepção de um deles explicita o cenário com o qual nos deparamos: “Trabalho para ter meu dinheiro e ser independente. Eu compro tudo o que eu posso, roupas, eu saio. Eu me proporciono fazer coisas que eu gosto de fazer. Comprar o que eu gosto, é isso”.

Dos jovens que trabalhavam, sete conciliavam escola e trabalho. Quatro deixaram os estudos e resolveram trabalhar por algum período. Desses quatro, dois retomaram os estudos um semestre ou um ano após a interrupção. Eles deixaram de trabalhar porque o trabalho temporário estava atrapalhando a continuidade dos estudos.

Não encontramos uma parcela significativa<sup>5</sup> de jovens que se encaixam no perfil “nem nem”, ou seja, jovens que nem estudam nem trabalham (CARDOSO, 2013). O fato de termos realizado pesquisa em um colégio de Ensino Médio situado em uma

---

5 Duas alunas no colégio pesquisado se encaixaram nesse perfil. Ambas as jovens engravidaram ao longo do ensino médio e, após terem seus filhos, nem retornaram à escola nem trabalharam no decorrer da pesquisa.

região marcada pela necessidade de maior escolaridade e qualificação para preenchimento das vagas de maior remuneração pode explicar o fato de não termos encontrado casos significativos de jovens “nem nem”.

## Escola e trabalho

Uma das alunas entrevistadas, Graça, estava muito preocupada em conseguir um emprego para alcançar a independência financeira, afinal, estava cansada de ouvir reclamações de sua mãe sobre gastos: “Eu já sou *maior* [de idade], sei me virar”. Graça sentia que sua mãe protegia sua irmã, que estudava e já trabalhava em uma farmácia. Seu irmão também trabalhava em um restaurante. Já o pai de Graça preferia que ela se dedicasse somente aos estudos.

Em 2012, quando cursou o 1º ano do Ensino Médio à tarde, tinha quase certeza que seria aprovada, “por seu bom relacionamento com os professores”, apesar das dificuldades em português e física. Ela se surpreendeu quando soube que tinha repetido em todas as disciplinas. Graça acha que ocorreu um erro, mas preferiu não averiguar: “Pra mim, se eu for repetir, grande coisa, deixei pra lá”.

Após várias reprovações, na 5ª, 6ª e 7ª séries, Graça fez os últimos anos do Ensino Fundamental em um ano, por meio de um programa de aceleração na rede municipal. Em 2013, ela se sentia empolgada com a possibilidade de avançar nos assuntos que aprendia. Em pouco tempo, passou a ser vista como referência pelos colegas, por assistir a todas às aulas, copiar e resolver os deveres, e por avisá-los sobre os assuntos que haviam sido tratados.

No segundo semestre, Graça e outros colegas, maiores de 18 anos, foram transferidos para a turma do Programa NEJA aberta no período da manhã. Inicialmente, Graça ficou empolgada com a possibilidade de avançar dois anos em um, tal como a diretora lhe explicou.

Em certas ocasiões, Graça insistia em dizer que sentia vontade de abandonar os estudos; em outras, ressaltava, com os olhos brilhando, seu desejo de se tornar advogada, “uma pessoa importante”, sobretudo quando lembrava as dores que sentia no coração nos momentos em que seus pais duvidavam de sua potencialidade.

Em outubro de 2013, Graça contou orgulhosamente que havia se tornado assistente de loja na *C&A*. Ela estava feliz por conseguir levar adiante o plano de concii-

liar os estudos com o seu primeiro emprego. Ao longo dos semestres seguintes, Graça conciliou a escola e o trabalho até a sua formatura em julho de 2015.

## **Trabalho sem escola, mas com desejo de retornar**

Kaique tinha 17 anos em 2013. Sua mãe estudou até o 8º ano do Ensino Fundamental e trabalhava como passadeira. Seu pai concluiu o Ensino Médio e trabalhava como eletricista. Como os pais de Kaique são divorciados, ele morava com o pai, mas sua mãe morava perto, no mesmo morro em que o filho.

Kaique se descreveu como “um moleque simpático, meio maluco”, que gostava de “brincar, curtir o baile no morro, andar de moto e soltar pipa”. Na escola pesquisada, Kaique era considerado popular entre os colegas. Apesar de agir de modo descontraído, ainda em 2014 ele andava visivelmente preocupado com a notícia de que seria pai. Estava ansioso por ter ouvido dizer que “quem tinha filho não poderia ingressar na carreira militar”, trajetória que pretendia seguir.

Kaique tinha recordações positivas do colégio municipal onde estudou no Ensino Fundamental. Considerava o ensino “meio difícil” e os professores bem rigorosos. Quando terminou o 9º ano, Kaique disse para a diretora que pretendia estudar na escola pesquisada. Ela sugeriu que ele se dirigisse para outro colégio, devido à impressão negativa que tinha a respeito dos alunos: “Deve ser porque aqui só tem bagunça, gente bagunceira”. Mas como Kaique só conseguiu vaga naquela escola, por ter escolhido o turno da tarde, resolveu se matricular pessoalmente, mesmo contra a vontade de sua antiga diretora. Ele também ficou entusiasmado com a fama de que o colégio teria mais meninas, com quem poderia se relacionar, e com o fato de ter vários colegas do Ensino Fundamental que também se matricularam no mesmo colégio.

Em 2012, Kaique iniciou o 1º ano do Ensino Médio regular. Ele acreditava que o fato de ter namorado uma menina que estudava na mesma turma tinha atrapalhado seu rendimento: “Ano passado o namoro me atrapalhou, me deixou com a cabeça ‘meio pirada’. Perdi a vontade de estudar, pensei até em parar os estudos”. Naquele ano, Kaique quase não esteve presente nas aulas, por isso não sabia quais eram as matérias ensinadas, então nem tentou fazer as provas de recuperação. A reprovação não o abateu, pois ele recebeu o apoio do pai, que o lembrou da máxima: “Sem estudo a gente não é nada”. No ano seguinte, Kaique refez o 1º ano na turma A. Pretendia ter bom desempenho para ser aprovado e se transferir no ano seguinte para o turno noturno a

fim de encerrar o Ensino Médio.

Kaique não pretendia ingressar na universidade, pois estava convicto em trabalhar no Exército e realizar o sonho de comprar uma casa e uma moto. Pensava em ser “alguém na vida”: “Quero ser uma pessoa que tenha emprego decente, sabedoria e educação”.

Ao final de 2013, Kaique foi aprovado para o 2º ano com dependência em física e educação física. Ele resolveu se transferir para outra escola estadual, de ensino noturno, já que pretendia trabalhar para ajudar no sustento do filho. Kaique se alistou no serviço militar, mas não conseguiu realizar seu sonho de servir ao Exército, pois foi dispensado. Em 2015, quando Kaique estava no 3º ano, resolveu interromper os estudos a fim de se dedicar somente ao trabalho.

Já Eros, colega de classe de Kaique, descreveu-se como “tranquilão”, um “cara normal”. Assim como o colega, gostava de estar na escola porque “as pessoas eram maneiras”, mas considerava que “assistir aula era chatão”. Eros morava com os pais, que não concluíram o Ensino Fundamental. Sua mãe era diarista e o pai trabalhava como auxiliar de serviços gerais na zona sul.

No segundo semestre de 2013, Eros parou de estudar pouco tempo depois de ter sido transferido para uma turma de NEJA por ter completado 18 anos. Esta mudança de turmas e turnos é recorrente na cultura escolar carioca como mecanismo de organização e classificação escolar, tal como descreveu etnograficamente Gomes (2012). No caso de Eros, a sua transferência de turma contribuiu para sua decisão de interromper os estudos. Segundo ele, “não dava mais para assistir às aulas, estava ‘chatão’. Vou trabalhar!”. Eros preferia trabalhar como mototaxista e conquistar sua independência financeira, além de ajudar os pais nas despesas mensais. Quando entrevistado, ele afirmou: “Quero terminar os estudos, conseguir um trabalho e seguir a vida”. No início de 2016, Eros continuava afastado do colégio.

## **Escola e projetos de futuro**

Ao longo das entrevistas realizadas era comum ouvir os alunos afirmarem que “queriam ser alguém na vida”. Os entrevistados sonham e projetam suas trajetórias em relação a um futuro próximo: almejam ser bem sucedidos. A concepção de sucesso em voga está relacionada a diversos aspectos da vida social e abrange realizações de

âmbito profissional, financeiro, afetivo e familiar<sup>6</sup>.

Aline, por exemplo, gostava de estar na escola por se “preocupar com seu futuro”: “O que me motiva é a vontade de ser alguém, é me esforçar e conseguir alcançar o que eu quero, porque eu não vou conseguir alcançar se eu não fizer minha parte aqui”. Já Giulia enfatizou: “Quero ser alguém na vida que tenha uma estabilidade. Não quero ser rica, mas não tão pobre. Quero ter minha casa, poder colocar meus filhos num colégio particular, num colégio bom daqui, ter um pouco de conforto que eu sempre quis”.

No universo dos jovens pesquisados, alguns pretendem continuar os estudos na universidade, em carreiras concorridas, como Medicina, Biologia e Direito. Outros querem concluir o Ensino Médio e se especializar em uma carreira técnica, como Enfermagem e Mecânica de motos. Há ainda aqueles que desvinculam sua projeção de futuro da carreira acadêmica e se arriscam em outras formas de atuação, como a de *player*, competidor de jogos online.

Todos os entrevistados querem concluir, ao menos, o Ensino Médio. 15 pretendem cursar o Ensino Superior e quatro querem ingressar na carreira militar no Exército ou na Marinha, sendo que uma menina pretende cursar uma “escola pré-militar”. As expectativas são elevadas em relação ao futuro e expressas em objetivos múltiplos: “Terminar o Ensino Médio e fazer escola pré-militar” e “pretendo terminar [o Ensino Médio] e futuramente fazer uma faculdade, buscar outras coisas na vida”.

Os que pretendem seguir o Ensino Superior desejam cursar História, Biologia, Psicologia, Sociologia, Administração, Letras, Turismo, Dança (um aluno cada curso), Direito (dois alunos), Educação Física (dois alunos), Medicina (três alunos). Os que pretendem concluir o Ensino Médio almejam se tornar cabeleireira, bombeira, pastor, mototaxista (um aluno cada profissão) e militar (dois alunos). Um deles, Marlon, um pouco mais pessimista, afirmou: “Quero estudar até o 3º ano. Não tenho ideia sobre o que vou fazer. Não tenho sonho ainda não”.

Há aspectos relevantes para serem ressaltados quanto à escolaridade almejada pelos estudantes. Em primeiro lugar, há uma influência direta das famílias, sobretudo

---

6 Apesar da busca comum pelo término do Ensino Médio, os jovens das camadas populares não mais se iludem com o “mito da escolaridade”, pois sabem que terão pela frente diversos desafios: “as expectativas de mobilidade social interferem nas possibilidades de a juventude projetar o futuro”. (NOVAES, 2006, p. 108)

das mães, nesse processo de escolarização. Uma das jovens entrevistadas ressaltou esse aspecto na sua trajetória. Francisca declarou-se negra, e nunca foi reprovada nem interrompeu os estudos. Disse: “Nunca. Escola é o futuro. Minha mãe falou para mim: nunca pare de estudar!” Francisca gosta de ir “à escola porque pensa muito no futuro. Quero ter um futuro melhor. Não quero ter a vida que minha mãe teve. Quero ajudar minha mãe”. Pretende ser advogada, defender os inocentes e daqui alguns anos afirmar: “Moro no asfalto e não no morro.” Sua mãe cursou até a 6ª série do Ensino Fundamental e trabalha com limpeza.

Francisca é uma das alunas que ressalta a influência da família como um incentivo para continuar seus estudos e que utiliza a situação familiar para justificar o seu objetivo de ser alguém.

Outro estudante, Ian, de 16 anos, repetente do 1º ano do Ensino Médio porque não se “adaptou à escola, começou a ficar com notas ruins”, abandonando-a no meio do ano e retornando no início do ano seguinte, também ressaltou o fato de ter uma família com origem rural e enfatizou que gosta da escola por causa dos “projetos de desenho, esporte, etc. Por causa dos amigos, da conversa, estudar é melhor do que ficar em casa.” Em seguida, comparando a sua situação com de seus pais, ex-trabalhadores rurais, disse: “A caneta pesa menos que a enxada”. A escola é uma aposta feita pelos seus familiares, de família rural do Maranhão que veio para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida, e pelo jovem aluno, que pretende seguir a carreira militar após se formar no Ensino Médio.

O segundo aspecto relevante sobre a escolaridade almejada pelos estudantes se relaciona ao conhecimento que eles têm sobre como se dá o acesso ao Ensino Superior e se a escola os auxilia nesse projeto. 20 dos 22 entrevistados declararam conhecer o Enem. Somente um respondeu que conhecia, mas que não sabia para que servia. No entanto, sobre o Prouni a situação se inverte: 4 alunos conhecem o programa, 9 não conhecem e 6 estudantes revelaram que conhecem, mas que não sabem para que serve.

Essa descrição indica que, embora o Enem esteja presente no imaginário dos jovens estudantes do Ensino Médio, isso não necessariamente significa um pleno conhecimento sobre as possibilidades oferecidas pelo exame e tampouco sobre o que o Prouni proporciona aos jovens estudantes de Ensino Médio.

Estes dados indicam uma mudança de perspectiva em relação ao modo como os jovens estudantes de Ensino Médio pesquisados enxergam o ingresso no Ensino

Superior: eles se veem como possíveis candidatos à universidade, embora reconheçam que a entrada neste nível de ensino não é necessariamente imediata após a conclusão do Ensino Médio. Vários deles estão matriculados em cursos pré-vestibulares em busca de melhorar seu desempenho acadêmico e se preparar para a realização do Enem.

Se, há alguns anos, determinados jovens de camadas populares não almejavam o ingresso na universidade por conta da descrença no sistema escolar, como demonstrou Encarnação (2007) no estudo de caso realizado em 2005 em uma escola da Baixada Fluminense, hoje se pode especular que esta tendência esteja se modificando.

O terceiro aspecto a se destacar quanto aos planos de escolarização se refere propriamente à escola. Logo após a escolaridade almejada pelos alunos e os cursos/profissões desejados, perguntamos aos jovens estudantes se a escola os auxiliava no projeto idealizado e por quê.

Entre os 22 jovens entrevistados, 10 responderam positivamente, 5 negativamente e 7 não souberam ou não responderam a essa questão diretamente. Tanto as não respostas como o quantitativo de alunos que consideram que a escola não auxilia nos seus projetos de escolarização nos fazem pensar sobre o que ocorre entre os muros da escola como motor deste panorama.

Entre as justificativas positivas apresentadas pelos alunos encontramos as relações sociais estabelecidas com os professores, funcionários e entre os próprios alunos como os motores favoráveis ao projeto almejado. No entanto, a cultura de gestão da escola, expressa no estilo administrativo da direção e em suas ações pedagógicas, é vista criticamente pelos estudantes.

Os jovens entrevistados criticam as faltas e os atrasos cotidianos de determinados professores e problematizam as práticas docentes e os conteúdos ensinados em certas disciplinas: “Não gosto de vir e não ter aula. Ou quando o professor não quer dar aula”.

Apesar das críticas feitas às regras de organização escolar e ao currículo adotado, os estudantes reconhecem o seu próprio colégio como um espaço democrático, onde há aceitação das diferenças, de ordem comportamental, racial e de orientação sexual. Quase todos mencionaram o ambiente descontraído e o modo como construíram, pouco a pouco, um sentimento de pertencimento ao ambiente escolar pelas relações sociais estabelecidas: “Gosto pelas pessoas”.

De alguma forma, parece que os entrevistados encontraram um ponto de equilíbrio, afinal classificaram sua própria escola em uma escala mediana. Segundo Jamile: “Numa boa escola, o ensino é bom, a recepção é legal e as pessoas são acolhedoras. O nosso colégio é médio... o ensino não é bom, mas a recepção é muito boa”.

Os estudantes gostam de estar no ambiente escolar como revelaram nas entrevistas e também ao longo da observação participante. Frequentam o pátio da escola e outros espaços como as escadas, a quadra poliesportiva, o hall. Enquanto alguns brincam e “zoam” com seus colegas e amigos, outros “ficam” e namoram. Habilmente, os jovens em questão fazem uso de seus celulares, enviam torpedos e acessam as redes sociais.

Estar na escola se torna um acontecimento em particular para esses jovens, independente se eles estão ou não frequentando as salas de aula. Os jovens entrevistados têm colegas e amigos dentro e fora do espaço escolar, com quem debatem sobre suas expectativas em relação à escola, relacionamento amoroso, religião, brigas e conflitos familiares. Muitos associam a felicidade pessoal aos momentos em que estão interagindo com os colegas no espaço escolar: “Me sinto bem... é na escola mesmo. É na escola que a gente vem brincar, ficar alegre”.

## **Considerações finais**

Os alunos pesquisados, em sua maioria, possuem reprovações em suas trajetórias e vários deles vivenciam movimentos de idas e vindas ao longo dos períodos letivos. Apesar da relação ambígua travada com a escola, que é espaço de socialização e convívio social, mas também lugar de conflitos e exclusões, os jovens estudantes possuem algumas características comuns. Eles já superaram seus pais em termos de escolarização e têm o desejo de estudar mais do que seus pais. Além disso, eles têm planos diversos para o futuro próximo, que não necessariamente passam pelo Ensino Superior. Veem a multiplicidade de espaços na sociedade e a possibilidade de inserção no mercado de trabalho tendo o diploma de Ensino Médio.

Os sonhos dos jovens pesquisados perpassam a aquisição de bens materiais e simbólicos. Eles querem ter casa, veículo, profissão e constituir sua própria família. Suas perspectivas de vida apontam para um cenário global favorável, de crescimento pessoal e sucesso profissional. Para alguns, o Ensino Médio é o final de uma trajetória. Para outros, há uma continuidade. Vários pretendem continuar os estudos na universidade, outros querem se especializar em uma carreira técnica. Ou ainda, seguir

caminhos de sucesso desvinculados dos objetivos acadêmicos. No entanto, para todos os grupos em questão a escola é vista como instrumento legítimo de ascensão social.

Ao longo do nosso trabalho de campo, encontramos jovens que estudavam e trabalhavam e o faziam para custear seus próprios gastos, como roupas e celulares. Alguns fizeram como Marlon, um aluno *ioiô*: saíram da escola, trabalharam e retornaram aos estudos. Outros tentaram conciliar o estudo com o trabalho e preferiram deixar o segundo, pois perceberam que este atrapalhava a escola. Todos tinham um objetivo em comum: terminar o Ensino Médio.

O caso de Marlon é paradigmático por ser um jovem que, desde o Ensino Fundamental, não tem uma boa relação com a escola. Em nenhum momento do trabalho de campo ou nas duas entrevistas realizadas ele expressou qualquer relação positiva com a escola de Ensino Médio ou com seus professores. Estava gostando das aulas do NEJA porque eram fáceis e o faziam terminar logo os estudos. Ainda assim, mesmo com as dificuldades em Matemática e leitura e uma falta de estímulo para os estudos, era um aluno assíduo e considerava importante obter o diploma de Ensino Médio. Com ele poderia ter um trabalho melhor do que o de sua mãe, por exemplo.

Tanto os jovens que deixaram de estudar, ou que pensam em abandonar os estudos, como aqueles que persistem na escola apresentam críticas em relação à dinâmica escolar, sobretudo quanto ao modo como o ensino é planejado e posto em prática.

Por um lado, as entrevistas realizadas e a observação prolongada na escola pesquisada nos revelaram a presença de sentimentos de desmotivação e insegurança diante do avanço escolar, expressos nos conflitos e desacordos cotidianos. Por outro, deparamo-nos com jovens que idealizam um futuro de sucesso a partir do investimento de suas “fichas” na escola em que estudam. As trajetórias escolares pesquisadas podem trazer subsídios para entender não só o *ethos* escolar como a vida social dos estudantes fora da escola.

Encontramos jovens que percebem a escolarização – o Ensino Médio – como mais importante do que o trabalho. O trabalho aparece como estratégia para suprir as suas necessidades básicas de consumo (celulares, roupas, festas), oriundas do contexto da cidade do Rio de Janeiro e das representações compartilhadas pelos jovens das camadas populares.

## Referências bibliográficas

ABRAMO, H. W; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. *Caderno CRH*, v. 26, n. 68, p. 293-314, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792013000200006>

CHARLOT, B; REIS, R. As relações com os estudos de alunos brasileiros de ensino médio. In: KRAWCZYK, N. (Org.). *Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional*. São Paulo, SP: Cortez, 2014. p. 63-92.

DAYRELL, J. A Escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, v. 28, n. 100, p. 1105-28, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>

ENCARNAÇÃO, M. S. *Nem sucesso, nem fracasso: uma abordagem etnográfica de uma escola*. 2007. 159 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

GOMES, R. F. R. *Ainda somos os mesmos: classificação, organização e ethos escolar*. 2012. 194 p. Dissertação. (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

KRAWCZYK, N. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. *Cadernos de Pesquisa*, v. 41 n. 144, p. 752-69, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000300006>

LAGE, G. C. *A escola da diversidade: um estudo de redes sociais e de trajetórias estu-  
dantis no ensino médio*. 2016. 268 p. Tese. (Doutorado em Antropologia Cultural) –  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio  
de Janeiro, RJ.

LEÃO, G; DAYRELL, J. T; REIS, J. B. Jovens olhares sobre a escola do ensino mé-  
dio. *Caderno Cedes*, v. 31, n. 84, p. 253-73, 2011a. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622011000200006>.

\_\_\_\_\_. Juventude, projetos de vida e ensino médio. *Educação & Sociedade*, v. 32, n.

117, p. 1067-84, 2011b. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000400010>

MAGGIE, Y; PRADO, A. “O que muda e o que permanece o mesmo nas escolas cariocas: culturas de gestão e as representações dos estudantes”. In: GUEDES, S. L.; CIPINIUK, T. (Org.), *Abordagens etnográficas sobre educação: adentrando os muros das escolas*. Rio de Janeiro: Alternativa/FAPERJ, 2014. p. 69-81.

NOVAES, F. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 105-20.

RANDOLPHO, A; BURGOS, M. B.(Orgs.). *A escola e a favela*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Pallas, 2009.

REIS, R. Experiência escolar de jovens/alunos do ensino médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudos. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n. 3, p. 637-52, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012000300007>

RIBEIRO, S. C. A pedagogia da repetência. *Estudos Avançados*, v. 5, 12, p. 7-18, 1991. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000200002>

SCHWARTZMAN, S. Melhorar a educação no Rio de Janeiro: um longo caminho. In: URANI, A.; GIAMBIAGI, F. (Orgs.). *Rio: a hora da virada*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2011.

SPOSITO, M; SOUZA, R. Desafios da reflexão sociológica para análise do ensino médio no Brasil. In: KRAWCZYK, N. (Org.). *Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 33-62.

**Submissão em: 02-04-2018**

**Aceito em: 15-04-2018**